FO
CX.38
2340/1997

HERALD SCHULTZ · JUAN FRANCISCO RECALDE †
FRANCISCO S. C. SCHADEN · HERBERT BALDUS

BOLETIM N.º 2
DA
SOCIEDADE AMIGOS DO ÍNDIO

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - BIBLIOTECA

Separata da
REVISTA DO ARQUIVO
CXXXVI

DEPARTAMENTO DE CULTURA
SÃO PAULO — 1950

O TRABALHO ENTRE OS ÍNDIOS

HERBERT BALDUS

O índio trabalha segundo ritmo diferente do adotado pelo homem da nossa civilização. Não faz a mesma tarefa cada dia, a hora determinada e por duração determinada, mas dedica-se, de cada vez, com todos os sentidos e tôdas as fôrças à tarefa que lhe parece a mais necessária no momento e a mais adequada à sua vontade criadora. Fazendo isto, não poupa a si mesmo, mas permanece com um trabalho pesado até esgotar-se por completo. Entrega-se, por exemplo, com tanto fanatismo à derrubada de árvores que, no dia seguinte, devido a dores musculares quase não pode sair da rêde. Logo que melhora um pouco, talha a vara de um arco ou tece uma cesta. De repente, faz-se sentir o apetite de bananas. Se não tem mais bananas em casa, o homem vai à roça para buscar nova provisão. Volta cambaleándo sob carga imensa, porque traz tanto quanto pode carregar. E se bem que êle então já de novo esteja fatigado para deitar-se na rêde, pode acontecer que, a noite inteira, cumpra ainda com o seu dever como dansarino e cantador, dever que exige, de um homem só, as pernas e os pulmões descançados de cinco homens fortes.

Dizer que o índio é preguiçoso demonstra falta de compreensão por parte daqueles que, julgando os povos que ainda se conservam em outras condições de vida, não são capazes de livrar-se das maneiras de considerar que parecem necessárias à existência da nossa civilização. Talvez os que assim pensam tenham visto o índio ficar deitado na rêde durante um dia ou dois sem fazer nada enquanto a mulher, sempre diligente, ora pilava o milho, ora fiava e tecia ou cozinhava, ora ia buscar água no córrego. E talvez não soubessem que o homem tinha voltado pouco antes de uma grande caçada ou que, durante tôda uma semana, tinha abalado o chão dansando e o ar, cantando.

Ou então se relatam fatos duma tribo cuja cultura já está corrompida pela nossa civilização e dizem: "Vivemos como missionários entre esta tribo, não um dia nem dois, mas vinte-e-cinco anos inteiros. Por conseguinte, temos o direito de afirmar: O índio é preguiçoso por natureza". — Esquecem-se de que dois fatôres têm, na maior parte, privado o homem índio na nossa civilização do dominio das suas atividades: a introdução de instrumentos de ferro e o fim do estado de guerra. Com os instrumentos de ferro, o homem consegue hoje em poucas horas o mesmo para que, antigamente, neces-

sitava dias e semanas; enquanto que os trabalhos da mulher não são de maneira alguma influenciados por êles. E desde que não existe mais necessidade para o homem de estar sempre pronto para a luta contra vizinhos inimigos, ainda mais a divisão de trabalho entre os sexos tornou-se absurda. Em tais situações culturais perturbadas, os homens aparecem muitas vêzes como indolentes e as mulheres como a única parte trabalhadora ou a parte que tem o trabalho mais pesado.

Como especialmente "preguiçosos" são considerados, hoje, por exemplo, os Karajá do Araguaia. Mas se se pondera que imensa quantidade de trabalho deve ter sido necessária, antigamente, a índios navegantes, para fabricar, de um gigante da selva, por meio do machado de pedra, a grande canoa na qual vive a família inteira ou, muitas vêzes, algumas famílias, — se se considera isso, concordar-se-á em que naquele tempo, provavelmente, o homem trabalhou rijamente.

Esperar dos índios um abandono espontâneo e imediato da sua divisão de trabalho, não corresponderá a esperar que, entre nós, de repente, os homens tomassem a seu cargo os trabalhos das mulheres? Entre nós não há "trabalho de mulher" que não seja ou tenha sido feito, em alguma parte e em algum tempo, também por homens; não consideramos até os trabalhos mais importantes que na nossa vida doméstica geralmente cabem às mulheres, como, por exemplo, cozinhar e costurar, de maneira alguma como ocupações caracteristicamente femininas, logo que pensamos no cozinheiro e no alfaiate. Nas poucas tribos de índios, porém, nas quais certos homens fazem trabalho de mulher, são êstes ou escravos ou mentalmente anormais. É verdade que determinados trabalhos, por exemplo, o entrelaçar ou o fiar e tecer, são executados numa tribo pelos homens e noutra pelas mulheres; nunca, porém, um sexo tentará invadir o tradicional domínio de trabalho do outro sexo. Porque, nas simples condições sociais dos povos naturais, isto é, nas condições que não são tão complicadas como as nossas devido à diversidade e mistura de camadas sociais, a divisão do trabalho entre os sexos é a base da cultura, cuja perturbação, causada por u'a mudança, prejudica muito e pode até extinguir a independência material e espiritual da pequena unidade social, porque cada uma dessas mudanças atinge a todos os membros dessa unidade.

O índio arrancado da sua cultura e impelido para nossa civilização, encontra-se numa situação semelhante à do lavrador ou trabalhador industrial europeu cuja atividade se tornou supérflua graças à introdução de novas máquinas. Em ambos os casos a mudança do processo da produção diminuiu o trabalho manual, sem abrir aos forçosamente ociosos novo campo para o emprêgo das suas capacidades tradicionais e adquiridas. A fôrça vital do homem, assim

inibida, pode tomar dois caminhos: revoltar-se contra o impedimento ou exhaurir-se diante dêle. Por meio da revolta contra o processo mudado da produção dentro da sua unidade social, a fôrça vital do indivíduo pode recuperar plena atividade, mas só à custa da fôrça vital da própria unidade social a cuja atividade ela se opõe. Êsse caminho significa, pois, a luta social, a fragmentação da unidade social em partes contrárias uma à outra; e é, por isso, possível no caso do lavrador ou trabalhador industrial europeu porque êste só representa determinado grupo dentro da sua unidade social, sendo, como é, uma parte do total. É impossível, porém, no caso do índio, porque neste caso tôda a unidade social foi tocada pela mudança do processo da produção de uma maneira que impede a atividade da fôrça vital, de modo que a oposição seria uma oposição do total contra o total, quer dizer, contra si mesma; e porque, provavelmente, não se pode contar que uma tribo de índios destrua os instrumentos de ferro para poder trabalhar novamente com o cepilho de casca de caracol, com o cinzel de dente de roedor e com o machado de pedra.

A fôrça vital do índio arrancado da sua cultura e impelido para a nossa civilização tem, pois, de exhaurir-se. De fato, êsse índio cairá naquilo que chamamos de preguiça, e que não é senão falta de fôrça vital. Não só aquêle que cria uma obra visível não é preguiçoso, mas tão pouco aquêle que brinca, sonha, goza e ama. Quem tem prazer em viver é tão pouco "preguiçoso" como um animal livre ou uma planta. O índio, na nossa civilização, perde o prazer da vida.

Naturalmente há também entre os índios ainda não influenciados por nós alguns de fôrça vital especialmente grande e outros de fôrça vital menor, "diligentes" e "preguiçosos". São gradações individuais como as que existem entre nós. De maneira alguma, porém, pode-se dizer que uma tribo de índios que se mantém como unidade cultural independente, é "preguiçosa". Porque numa dessas tribos a vontade criadora, a fôrça vital não impedida produz, muito mais do que as necessidades exigem, aquêles bens materiais e espirituais cuja existência constitui a cultura.

De outro lado, é verdade que há também entre as diversas tribos diferenças notáveis na realização do trabalho. Assim, podem-se apontar os Tapirapé como especialmente "diligentes". Tinham, no tempo da minha estada entre êles, abundância de víveres; trabalhavam, apesar disto, com o maior esfôrço nas suas roças e dedicavam-se com não menor zêlo e perseverança às suas danças e cantos. Nesta tribo ainda distante da nossa civilização, a introdução de instrumentos de ferro que, já há decênios, começou por intermédio dos vizinhos orientais, os Karajá, e a falta de atividade e disposição guerreiras tiveram efeito justamente contrário ao produzido nos índios civili-

zados por nós, isto é, privados de sua independência cultural. Não impediram a fôrça vital, não prejudicaram a vontade criadora, mas asseguraram o sustento e aumentaram o bem estar. Se, apesar disto, sintomas de degeneração se manifestam entre os Tapirapé, outras são as causas. Não é esta, porém, a ocasião de discorrer sôbre elas.

As crianças índias aprendem brincando aquilo que constitui o trabalho dos adultos. Os meninos imitam os homens, as meninas, as mulheres. As crianças maiores auxiliam consideravelmente os adultos. Desta maneira, pouco a pouco, conforme o crescimento das fôrças e capacidades, o jôgo torna-se trabalho. Mas, nesse processo de evolução o limite entre o jôgo e o trabalho é tão pouco evidente como aquêle abismo divisório entre crianças e adultos que existe entre nós, mas não se faz sentir entre os índios. O trabalho não oprime como atividade extorquida. Conserva sempre como o jôgo, o caráter de ocupação desejada pelo próprio participante. E observando entre os índios um trabalho comum, o apatxirú dos Tapirapé, por exemplo, parece-nos que nêle a alegria aumenta a fôrça.

(Transcrito de ENSAIOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA, São Paulo 1937, pp. 100-106.)